

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

TEMPORADA 2009

ORQUESTRA
FILARMÔNICA DE ISRAEL

ZUBIN MEHTA
REGENTE





cpfl cultura. marque um encontro com as grandes ideias do mundo contemporâneo.

Refletir sobre os desafios atuais, expandir as fronteiras do pensamento. Diferentes pontos de vista, em diferentes pontos de encontro.

Conheça nossas programações e acesse nossos conteúdos no site www.cpflcultura.com.br

Apoio Institucional



Patrocínio

cpflcultura

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

ORQUESTRA
FILARMÔNICA DE ISRAEL

ZUBIN MEHTA
REGENTE

ORQUESTRA FILARMÔNICA DE ISRAEL

No início da década de 1930, em turnê pela então Palestina, o violinista judeu-polonês Bronislaw Huberman concebeu um plano para socorrer os músicos da Europa Central ameaçados pela ascensão do nazismo. Quando, em 1935, o governo nacional-socialista alemão afastou de suas orquestras todos os músicos de origem judaica, Huberman recrutou 75 musicistas europeus e os convenceu a emigrar para a Palestina, para ali formar um novo *ensemble* musical. Em 26 de dezembro de 1936, o conjunto assim montado faria seu concerto de estreia em Tel Aviv. Para regê-lo, Huberman convidou ninguém menos que o célebre Arturo Toscanini. Nascia então a Orquestra Filarmônica de Israel, como ela passaria a ser chamada após a fundação do Estado judeu, em 1948.

Maestros como Bernardino Molinari, William Steinberg e *Sir* Malcolm Sargent contribuíram significativamente para a consolidação do estilo e da linguagem musical da orquestra, que logo começaria a contar com a colaboração regular de artistas do mais alto renome. Por essa época, além de um ainda jovem Leonard Bernstein, figurariam à frente do *ensemble* de Tel Aviv regentes como Serguei Koussevitzky, Sergiu Celibidache, Paul Kletzky e Paul Paray. Dentre seus musicistas destacavam-se as figuras lendárias dos violinistas Jascha Heifetz, Yehudi Menuhin e Isaac Stern, além dos pianistas Arthur Rubinstein e Claudio Arrau.

A primeira turnê pelos Estados Unidos teve lugar em dezembro de 1950, seguida de excursão à Europa. Ao final dessa mesma década, a Filarmônica de Israel contava já com sede própria e dezenas de milhares de assinantes a frequentar seus concertos, abrilhantados por artistas como o violinista David Oistrakh e o violoncelista Mstislav Rostropovich e regidos por maestros como Joseph Kripps, István Kertész, Jean Martinon, *Sir* Georg Solti, Eugene Ormandy e Dimitri Mitropoulos, dentre muitos outros. Artistas jovens e promissores estreavam também ao lado da Filarmônica, como os violinistas Itzhak Perlman e Pinchas Zukerman, ou o pianista Daniel Barenboim.

Momentos marcantes desse excepcional *ensemble* israelense aconteceriam no período que se seguiu à Guerra dos Seis Dias, em 1967.



Zubin Mehta, proveniente de Nova York, regeu a orquestra em pleno conflito, ao final do qual Leonard Bernstein comandou uma das apresentações mais tocantes da história da Filarmônica de Israel, quando, diante dos soldados, muitos dos quais feridos, Isaac Stern executou o Concerto para Violino de Mendelssohn e Leonard Bernstein regeu a “Ressurreição”, de Gustav Mahler.

Em 1971, viria o primeiro convite para os grandes festivais europeus, como os de Salzburgo, Lucerna e Edimburgo. Nesse mesmo ano, a orquestra se apresentava pela primeira vez na Alemanha. No âmbito fonográfico, gravações com *Sir Georg Solti* e *Lorin Maazel* se fizeram seguir de registros sob as regências de Mehta, Bernstein, Walter Weller e Rafael Kubelík. Turnês pela ex-União So-

viética, China e Índia marcariam, em seguida, a sexta década de existência da orquestra, que, em 2006, ao completar 70 anos de vida, contava 26 mil inscritos em seu programa de concertos por assinatura e apresentava-se por toda Israel, além de excursionar anualmente pelo mundo todo.

Hoje, a Orquestra Filarmônica de Israel é presença frequente nas grandes salas de concerto e nos mais prestigiados festivais de música do calendário erudito internacional. Leonard Bernstein foi nomeado seu Regente Honorário em 1988; Kurt Masur é, desde 1992, Regente Convidado Honorário; e, desde a temporada 2001-2002, Yoel Levi ocupa o posto de Regente Convidado Principal. Zubin Mehta, designado Conselheiro Musical da orquestra em 1968, é seu Diretor Musical desde 1977.



ZUBIN MEHTA — REGENTE

Nascido em Mumbai, na Índia, em 29 de abril de 1936, Zubin Mehta é sem dúvida um dos principais intérpretes contemporâneos da literatura sinfônica e operística mundial. Filho do violinista Mehli Mehta — fundador da Orquestra Sinfônica de Mumbai —, Mehta estudou piano e violino quando criança e, aos 18 anos, ingressou na Academia de Música de Viena, onde se formou sob a orientação do regente e professor austríaco Hans Swarowsky. Em 1958, participou do primeiro concurso internacional para regência promovido pela Orquestra Filarmônica Real de Liverpool. O prêmio máximo valeu-lhe o posto de Assistente Musical, que Mehta ocupou por um ano.

Tinha início aí uma carreira brilhante. Apresentações como regente convidado em Viena, Berlim e Los Angeles logo chamaram a atenção para seu talento único e, em 1961, Mehta foi nomeado Diretor Musical da Orquestra Sinfônica de Montreal, cargo que ocupou até 1967. O mesmo posto lhe foi oferecido em 1962 pela Orquestra Filarmônica de Los Angeles, que o maestro dirigiu até 1978, transformando o que era de início um conjunto de pouca expressão em um *ensemble* de destacada qualidade musical. Soberbos registros fonográficos contribuíram ainda para emprestar a seu nome e ao da orquestra californiana reputação internacional. Ainda em 1978, Zubin Mehta substituiu Pierre Boulez na direção musical da Orquestra Filarmônica de Nova York, onde permaneceu por treze anos, até 1991.

Nos grandes palcos operísticos do cenário internacional, Mehta estreou em 1963, em Montreal, e já se apresentara no *Metropolitan Opera*

House de Nova York, na Ópera Estatal de Viena, na *Royal Opera House* londrina e no *La Scala* de Milão, quando, em 1998, foi convidado a assumir a direção musical da Ópera Estatal da Baviera, que comandou em mais de quatrocentas apresentações.

Paralelamente a essa intensa atividade nos palcos da Europa e da América do Norte, Zubin Mehta sempre manteve estreitos e admiráveis laços com a Orquestra Filarmônica de Israel, que regeu pela primeira vez aos 25 anos de idade, em 1961. Tornaria a regê-la em momentos cruciais da história do país e de sua mais importante filarmônica: em plena Guerra dos Seis Dias, em 1967, e durante os ataques de mísseis iraquianos ao país, por ocasião da primeira Guerra do Golfo, em 1991. Nomeado Conselheiro Musical em 1968, Mehta se tornaria o primeiro Diretor Musical da Orquestra Filarmônica de Israel em 1977, posto alçado à condição de vitalício em 1981. Ao longo de mais de quarenta anos de continuada colaboração, foram mais de dois mil concertos, incluindo-se aí turnês pelos cinco continentes.

Em cerca de meio século de extraordinária trajetória musical, Zubin Mehta foi inúmeras vezes agraciado com as mais importantes distinções, quer pela Organização das Nações Unidas, quer pelos governos de Índia, Itália e França, dentre outros. Hoje, sinônimo da grande arte sinfônica e mestre de um repertório que se estende de Bach à música erudita contemporânea, esse notável maestro indiano é Regente Honorário das orquestras filarmônicas de Viena, Munique, Los Angeles, do *Teatro del Maggio Musicale Fiorentino* e da Ópera Estatal da Baviera.



ORQUESTRA FILARMÔNICA DE ISRAEL

ZUBIN MEHTA — DIRETOR MUSICAL

LEONARD BERNSTEIN — REGENTE HONORÁRIO (1947-1990)

KURT MASUR — REGENTE CONVIDADO HONORÁRIO

YOEL LEVI — REGENTE CONVIDADO PRINCIPAL

Primeiros Violinos

Ilya Konovalov
Lazar Shuster
Yigal Tuneh
Alexander Stark
Saida Bar-Lev
Marina Dorman
Adelina Grodsky
Genadi Gurevich
Rodica Iosub
Rimma Kaminkovsky
Zinovi Kaplan
Polina Kozhevnikova
Robert Mozes
Yevgenia Pikovsky
Yelena Tishin
Alon Weber
Drorit Valk
Paya Yussim

Segundos Violinos

Elyakum Salzman
Yitzhak Geras
Amnon Valk
Shimeon Abalovitch
Emanuel Aronovich
Alexander Dobrinsky
Shmuel Glaser
Elizabeth Krupnik
Kalman Levin
Yoram Livne
Eleonora Lutsky
Alexander Povolotzky
Marianna Povolotzky
Avital Steiner
Olga Stern

Violas

Miriam Hartman
Roman Spitzer
Amir Van Der Hal
Dmitri Ratush
Rachel Kam
Yuval Kaminkovsky
Shimon Koplansky
Vladislav Krasnov
Avraham Levental
Eugenia Oren-Malkovsky
Klara Nosovitsky
Abraham Rosenblit
Aharon Yaron

Violoncelos

Micha Haran
Marcel Bergman
Shulamit Lorrain
Alla Yampolsky
Yoram Alperin
Naomi Enoch
Dmitri Golderman
Baruch Gross
Enrique Maltz
Kirill Mihanovsky
Felix Nemirovsky
Iris Regev

Contrabaixos

Teddy Kling
Peter Marck
Nir Comforty
Brad Annis
Eran Berovitch
Nimrod Kling
Eli Magen
Gabriel Volé
Omry Weinberger
Adriano Costa Chaves

Harpas

Julia Rovinsky
Tali Glaser

Flautas

Yossi Arnheim
Eyal Ein-Habar
Boaz Meirovitch
Leor Eitan

Piccolo

Leor Eitan

Oboés

Bruce Weinstein
Dudu Carmel
Meirav Kadichevski
Merrill Greenberg
Tamar Narkiss-Melzer
Hermann Openstein

Corne Inglês

Merrill Greenberg

Clarinetes

Ron Selka
Yevgeny Yehudin
Rashelly Davis
Israel Zohar

Clarinetes Piccolo

Ron Selka
Yevgeny Yehudin

Clarinete Baixo

Israel Zohar

Fagotes

Zeev Dorman
Uzi Shalev
Gad Lederman
Carol Patterson

Contrafagote

Carol Patterson

Trompas

James Madison Cox
Dalit Segal
Michael Slatkin
Yoel Abadi
Sally Meth Ben Moshe
Michal Mossek
Yossef Rabin
Shelomo Shohat

Trompetes

Yigal Meltzer
Ram Oren
Ilan Eshed
Eran Reemy

Trombones

Stewart Taylor
Daniele Morandini
Yehoshua Pasternak
Micha Davis
Nir Erez

Trombone Baixo

Micha Davis

Tuba

Shemuel Hershko

Timpanos

Dan Moshayev
Alon Bor

Percussão

Alon Bor
Gabi Hershkovich
Ayal Rafiah
Eitan Shapiro

Pianos

Israel Kastoriano
Milka Laks

Bibliotecária-chefe

Rachel Daliot

Bibliotecário Assistente

Tal Rockman

Palco e Operações

Uzi Seltzer

Assistente Técnico

Yaakov Kaufmann

Administração da Orquestra

Yehoshua Pasternack (direção)
Yoel Abadi
Bruce Weinstein

Secretário Geral

Avi Shoshani

Conselho dos Músicos

Boaz Meirovitch (direção)
Yoel Abadi
Brad Annis
Ilya Konovalov
Yehoshua Pasternak
Ayal Rafiah
Uzi Shalev
Bruce Weinstein
Aharon Yaron

Representante para a América Latina

Interarte Produções Artísticas

Conselho Internacional da Orquestra Filarmônica de Israel

Presidente do Conselho: Zubin Mehta

Presidente: Zvi Ziv

Conselheiros Honorários:

Duque de Edimburgo, Princesa Maria Gabriella de Savoia, Príncipe Albrecht e Princesa Angela zu Oettingen Spielberg, Conde e Condessa de Chichester, *Lord* Jacob Rothschild, *Lord* e *Lady* Wolfson, Charles Bronfman, Lili Safra, Oded Gera (fundador), Lynn Schusterman.

Conselheiros e Benfeitores:

Anônimo, Mario Arthur Adler, Gerda e Joseph Brender, Joseph Buchmann, Condessa Yoko Nagae Ceschina, Samy Cohn, *Dame* Vivien Duffield, Emily e Horacio Furman, Yael e Nathan Gottesdiener, Joseph Hackmey, *Lord* e *Lady* Jacobs, Raya Jaglom, Morris Kahn, Zahava e Rolph Kohn, Jane e Don Lebell, Michelle e Jacques Nasser, Judith e Burton Resnick, Judith e Jacob Richter, Tova e Sammy Sagol, Lizika e Ami Sagy, Suki Sandler, Lynn e Sy Syms, Lillian Vernon, Heide Wolf-Kaufmann, Michal e Michael Zeller Mayer, Faigie e Rubin Zimmerman, Uzi Zucker e Rivka Saker.

Membros Vitalícios:

Charles Bronfman, *Sir* Ronald e *Lady* Cohen, *Sir* Harry e *Lady* Djanogly, Dina Ettinger, Ruth e Charles Gold.

Fundadores:

Andrea Bronfman, Sara Mayer, Edmond J. Safra, Herman Sandler.

Diretora Executiva:

Tali Barash-Gottlieb

Comunicação também é unir pessoas sem dizer uma palavra.

Telefônica. Patrocinadora dos Concertos da Sociedade de Cultura Artística.

Telefônica

Desfrute o progresso

www.telefonica.com.br

MANTENEDORES E AMIGOS DA SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA – 2009

A contribuição financeira dos **Amigos e Mantenedores** da Sociedade de Cultura Artística em 2009 será inteiramente destinada à promoção do projeto sociocultural

Ouvir para Crescer. Acreditamos firmemente na necessidade da educação e da formação de público para a música de qualidade, e esse é o objetivo do **Ouvir para Crescer.** Assim, o projeto leva espetáculos-aula, que entretêm ao mesmo tempo em que educam, a comunidades em que a oferta cultural é escassa.

A Lei Rouanet possibilita isenção fiscal de até 100% do valor que os **Amigos e Mantenedores** oferecem ao projeto **Ouvir para Crescer.**

Pessoas físicas podem deduzir até 6% de seu imposto de renda a pagar, e pessoas jurídicas, até 4%. Trata-se, pois, de um investimento seguro e a custo zero, mas com grande impacto não apenas sobre nossas atividades, como também sobre a cultura brasileira como um todo.

MANTENEDORES

Adolpho Leimer
Adriana Crespi
Adroaldo Moura da Silva
Affonso Celso Pastore
Airton Bobrow
Alexandre e Sílvia Fix
Alfredo Rizkallah
Álvaro Luiz Fleury Malheiros
Ameribras Ind. e Comércio Ltda.
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Correa Meyer
Antonio Hermann D. M. Azevedo
Antonio José Louçã Pargana
Antonio Teofilo de Andrade Orth
Arsenio Negro Júnior
Bruno Alois Nowak
BVDA/Brasil Verde Design
Carlos Nehring Neto
Carlos P. Rauscher
Carmo e Jovelino Mineiro
Cassio Casseb Lima
Centaurus Equipamentos de Cinema e Teatro
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Dario Chebel Labaki Neto
Eduardo Altenfelder
Elisa Villares L. Cesar
Elisa Wolyneć
EPU-Edit. Pedagógica e Universitária
Erwin Herbert Kaufmann
Estrela do Mar Part. Adm. De Bens Ltda.
Etsuko Nishikawa (I.M.)
Fabio de Campos Lilla
Fanny Fix
Felipe e Hilda Wroblewski
Fernando Carramaschi
Fernando Eckhardt Luzio
Fernão Carlos B. Bracher
Flávia Prada Ferreira
Francisca de Paula Harley
Gérard Loeb
Giancarlo Gasperini
Gioconda Bordon
Giorgio Nicoli
Giovanni Guido Cerri
Helio Matar
Helio Seibel
Henrique Meirelles
Israel Vainboim
Jacks Rabinovich
Jacques Caradec
Jairo Cupertino
Jayme Blay
Jayme Bobrow
Jayme Sverner
Joaquim de Alcantara Machado
José Carlos Moraes de Abreu
José E. Mindlin
José E. Queiroz Guimarães
José M. Martinez Zaragoza
José Roberto Mendonça de Barros
José Roberto Opice
Lea Regina Caffaro Terra
Livio De Vivo
Lucila e José Carlos Evangelista
Luis Stuhlberger
Luiz Diederichsen Villares
Luiz Gonzaga Alves Pereira

Luiz Gonzaga Marinho Brandão
Marcio Augusto Ceva
Maria Helena L. Gandolfo
Maria Izabel Piza da Silva Gordo
Mario Arthur Adler
Medlab Produtos Médicos
Michael e Alina Perlman
Minidi Pedroso
Morvan Figueiredo de Paula e Silva
Moshe Sendacz
Natan e Irene Berger
Neli Aparecida de Faria
Nelio Garcia de Barros
Nelson Nery Jr.
Nelson Reis
Pedro Stern
Polimold Industrial S/A
Renata e Sergio Simon
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Feltre
Ricardo L. Becker
Roberto Civita
Roberto e Yara Baumgart
Roberto Mehler
Rosa Maria de Andrade Nery
Ruth e Raul Hacker
Ruy e Célia Korbivcher
Samy Katz
Sandor e Mariane Szego
Sergio Almeida de Oliveira
Sílvia Dias de Alcantara Machado
Sylvia e Flávio Pinho de Almeida
Theodoro Flank
Thomas Michael Lanz
Thyrso Martins
Ursula Baumgart
Vavy Pacheco Borges
4 Mantenedores Anônimos

Para mais informações,
ligue para (11) 3256 0223
ou escreva para
administracao@culturaartistica.com.br

AMIGOS

Alberto Emanuel Whitaker
Alexandre Annenberg
Alexandre Grain de Carvalho
Aluizio Guimarães Cupertino
Alvaro Oscar Campana
Ana Maria L. V. Igel
Ana Maria Malik
Andrea Sandro Calabi
Anna Veronica Mautner
Antonio Carlos Pereira
Antonio Roque Citadini
Argetax Adm. e Part. em Empreendimentos
Bruno Musatti
Calçados Casa Eurico
Carlo Zufellato
Carlos Fanucchi Oliveira
Carlos Mendes Pinheiro Jr.
Carlos Souza Barros de Carvalhosa
Carlos Stegmann
Carmen Carvalhal Gonçalves
Cassio A. Macedo da Silva
Claudia A. G. Musto
Claudio Alberto Cury
Claudio Nehton Mattos de Lemos
Cláudio Roberto Cernea
Conceição Aparecida de Matos Segre
Edith Ranzini
Edmond Andrei
Edson Eidi Kumagai
Eduardo M. Zobaran
Eduardo T. Hidal
Eduardo Telles Pereira
Elias e Elizabete Rocha Barros
Elio Sacco
Eugenia Lukin
Fabio Carramaschi
Fabio Konder Comparato
Fabio Nusdeo
Fernando K. Lottenberg
Fernando R. A. Abrantes
Fernando Teixeira Mendes
Francisco H. de Abreu Maffei
Francisco José de Oliveira Junior
Gerald Dinu Reiss
Guilherme A. Plonski
Gustavo H. Machado de Carvalho
Heinz J. Gruber
Helio Elkis
Henrique B. Larroude
Henrique Eduardo Tichauer
Herbert Gruber
Horacio Mario Kleinman
Ignês A. F. Silva
Iosif Sancovsky
Isaac Popoutchi
Issei Abe
Itiro Shirakawa
Izabel Sobral
Jaime Pinsky
Jayme Vargas
Jeanette Azar
Jerzy Mateusz Kornbluh
João Baptista Raimo Jr.
Jorge e Léa Diamant
Jorge e Liana Kalil
José Avelino Grota de Souza
José Carlos Teixeira
José e Priscila Goldenberg

José Luiz Setubal
José Paulo de Castro Ensenhuber
José Theophilo Ramos Junior
Kalil Cury Filho
Katalin Borger
Léo Ernest Dreyfuss
Leo Kupfer
Lília Salomão
Lina Saigh Maluf
Lucio Gomes Machado
Luiz Henrique Martins Castro
Luiz Roberto Andrade de Novaes
Luiz Schwarcz
Marcello D. Bronstein
Marcos Flávio Correa Azzi
Margot Cecilia Nugent
Maria Aparecida A. Clemente
Maria Bonomi
Maria Claudia Ballesteros
Maria Stella Moraes R. do Valle
Maria Teresa Igel
Mario e Dorothy Eberhardt
Mario Higino N. M. Leonel
Mario R. Rizkallah
Marta D. Grostein
Mauricio Leonzini
Mauris Warchavchik
Miguy Azevedo Mattos Pimenta
Monica Mehler
Morris Safdie
Nelson Vieira Barreira
Oscar Lafer
Patrick Charles Morin Jr.
Paul Emmenegger
Paulo Cezar C. B. C. Aragão
Paulo Guilherme Leser
Paulo Humberto L. de Almeida
Percival Lafer
Plinio J. Marafon
Rafael Jordão Motta Vecchiatti
Regina Weinberg
Renato Mezan
Renato Polizzi
Ricardo B. Gonçalves
Roberto Bumagny
Roberto Calvo
Rubens Halaban
Rubens Muszkat
Rui Fontana Lopez
Ruy Souza e Silva
Samuel Lafer
Sandra Maria Massi
Sergio Leal C. Guerreiro
Tales U. Bieszczad
Tamas Makray
Tarcisio V. Ramos
Thomas Frank Tichauer
Thomaz Farkas
Ulysses de Paula Eduardo Jr.
Vera C. Bresser Pereira
Vera Cartunda Serra
Vitor Maiorino Netto
Walter Ceneviva
Wilma Kövesi (In Memoriam)
Zofia Davidowicz
17 Amigos Anônimos

Novo Espaço para a Cultura Artística

A Sociedade de Cultura Artística retoma neste mês algumas atividades paralisadas após o incêndio ocorrido um ano atrás, em 17 de agosto de 2008. Na verdade, nosso programa de concertos não foi interrompido um dia sequer. O acidente aconteceu na madrugada de um domingo, e as apresentações programadas para as duas noites subsequentes àquele dia fatídico foram realizadas normalmente, com apenas uma alteração: os concertos dos dias 18 e 19 de agosto de 2008 tiveram lugar, respectivamente, no Teatro Municipal e na Sala São Paulo. Desde então, temos nos dedicado à viabilização de toda a documentação formal necessária à oficialização do projeto de nosso novo teatro, e ao desafio de arrecadar fundos para dar início às obras. Até 2012, porém, ano em que pretendemos inaugurar a nova sede, precisamos dar sequência aos espetáculos que promovemos paralelamente a nossa série de concertos internacionais. Para tanto, concluímos um acordo para a utilização do teatro da Fundação Promon, localizado no Condomínio São Luiz, à Avenida Presidente Juscelino Kubitschek, 1830.

Nessa sala, a comédia *Adorei o que Você Fez*, da dramaturga francesa Carole Greep, iniciou sua temporada em 31 de julho, com Tato Gabus Mendes, Marcia Cabrita, José Rubens Chachá e Nora Toledo no elenco, e Alexandre Reinecke na direção. Com essa peça, que reuniu mais de dois mil espectadores em Paris, temos o prazer de voltar a integrar o roteiro teatral da cidade.

Também o programa *Ouvir para Crescer*, promovido pela Sociedade de Cultura Artística e apresentado no interior do estado ao longo de 2007, 2008 e 2009, chega a São Paulo com uma série de concertos comentados, de repertório variado e acessível, sempre com o objetivo de despertar o interesse pela música e poder, assim, atuar na formação de público para o repertório erudito.

Já o projeto *A Música no Século 21*, sob a coordenação de João Marcos Coelho, faz uma imersão na música erudita contemporânea. A cada mês, um tema será abordado em uma série de quatro concertos. Em agosto, o destaque é para a música de câmara no Rio de Janeiro.

Começamos, pois, o segundo semestre com novas atividades e muitas expectativas. E contamos com o apoio de todos vocês!



A RECONSTRUÇÃO DO TEATRO CULTURA ARTÍSTICA

O Teatro Cultura Artística, destruído por um incêndio em agosto de 2008, será reconstruído com base em um projeto arquitetônico capaz de atender às necessidades técnicas e artísticas de um espaço teatral contemporâneo, mas em concordância com os princípios e valores que sempre regeram sua história.

LOCALIZAÇÃO O novo teatro será construído no mesmo local da sala antiga e manterá em seu projeto o magnífico painel de Emiliano Di Cavalcanti, marco de nosso antigo teatro. Esse grande empreendimento com certeza irá gerar impacto muito positivo sobre o centro da cidade de São Paulo, contribuindo para a revitalização da Rua Nestor Pestana e da Praça Roosevelt.

FOYER Com a elevação da platéia, o novo projeto arquitetônico prevê a liberação de quase todo o pavimento térreo do teatro, permitindo a ampla circulação de espectadores. Nesse mesmo espaço, serão instalados um grande bar, chapelaria e loja, além de elevadores e escadas rolantes de grande capacidade.

AUDITÓRIO Ao contrário do antigo teatro, que abrigava duas salas, o novo espaço contará com uma única sala. Ela terá, no entanto, capacidade para acomodar mais de 1.400 espectadores, divididos em plateia, balcões e camarotes.

PALCO A nova arquitetura adota o formato do palco italiano, com fosso para orquestra e toda a tecnologia necessária a um teatro de múltiplos usos. Além de concertos e espetáculos de dança, teatro e ópera, esse palco possibilitará ainda a apresentação de shows musicais.

A reconstrução do Teatro Cultura Artística é um projeto que conta com o apoio da Lei Rouanet e se enquadra no artigo 26 do Pronac, o Programa Nacional de Apoio à Cultura. Isso significa que seus doadores e patrocinadores gozarão de incentivos fiscais que podem chegar a 80% da contribuição efetuada.



APOIADORES DA RECONSTRUÇÃO

Nesta página, listaremos todas as pessoas e organizações que têm contribuído concretamente para a reconstrução do nosso teatro, da nossa nova casa. A lista começará pequena, mas esperamos que a solidariedade e o espírito cívico dos membros de nossa comunidade a façam crescer muito rapidamente.

A vocês, o nosso muito obrigado!

Ana Maria Xavier

Antônio Fagundes

Beatriz Segall

Brasília de Arruda Botelho

Camila Zanchetta

Claudio Lottenberg

Compacta Engenharia

Credit Suisse

Credit Suisse Hedging-Griffo

Elaine Angel

Ercília Lobo

Gabriela Duarte

Gilberto Kassab

Gilberto Tinetti

Hotel Ca'd'Oro

Hotel Maksoud Plaza

Jamil Maluf

José Carlos Dias

Lúcia Cauduro

Marcelo Mansfield

Marco Nanini

Maria Adelaide Amaral

McKinsey

Mônica Salmaso

Nelson Kon

Oi Futuro

Oscar Lafer

Paulo Bruna

Roberto Baumgart

Roberto Minczuk

Sidnei Epelman

Silvia Ferreira Santos Wolff

Silvio Feitosa

Suzana Sancovsky

Talent

Zuza Homem de Mello

SÉRIE BRANCA

Sala São Paulo

10 de agosto, segunda-feira, 21H

Ludwig van Beethoven (1770-1827)

Sinfonia nº 6, em Fá maior, opus 68 c. 40'
(*Pastoral*)

Allegro ma non troppo

Andante molto mosso

Allegro

Allegro

Allegretto

intervalo

Sinfonia nº 7, em Lá maior, opus 92 c. 38'

Poco sostenuto — Allegro vivace

Allegretto

Presto

Allegro con brio

SÉRIE AZUL

Sala São Paulo

11 de agosto, terça-feira, 21H

2009 SOCIEDADE
DE CULTURA
ARTÍSTICA

Richard Strauss (1864-1949)

Don Juan, Poema Sinfônico, opus 20 c. 17'

Till Eulenspiegels lustige Streiche,
Poema Sinfônico, opus 28 c. 15'
(*As alegres travessuras de Till Eulenspiegel*)

intervalo

Ein Heldenleben, Poema Sinfônico, opus 40 c. 40'
(*Uma vida de herói*)

Der Held
(*O herói*)

Des Helden Widersacher
(*Os inimigos do herói*)

Des Helden Gefährtin
(*A companheira do herói*)

Des Helden Walstatt
(*O campo de batalha do herói*)

Des Helden Friedenswerke
(*As obras de paz do herói*)

Des Helden Weltflucht und Vollendung
(*Despedida e realização do herói*)

PRÓXIMOS CONCERTOS

Sala São Paulo
CAMERATA SALZBURG
LEONIDAS KAVAKOS VIOLINO

Série Branca, 29 de agosto, sábado
Haydn Sinfonia nº 82
Mozart Concerto para Violino nº 4
e Sinfonia nº 36, "Linz"

Série Azul, 30 de agosto, domingo
Haydn Sinfonia nº 83
Mozart Concerto para Violino nº 5
e Sinfonia nº 41, "Júpiter"

Sala São Paulo
NATHALIE STUTZMANN CONTRALTO
INGER SÖDERGREN PIANO

Série Branca, 21 de setembro, segunda-feira
Schubert Die schöne Müllerin

Série Azul, 22 de setembro, terça-feira
Schubert Drei Klavierstücke e Schwanengesang

Informações e ingressos: (11) 3258 3344
Vendas online: www.culturaartistica.com.br

O conteúdo editorial dos programas da
Temporada 2009 encontra-se disponível
em nosso site uma semana antes dos
respectivos concertos.

Programação sujeita a alterações.

Ludwig van Beethoven (1770-1827)

Quando, aos 30 anos, Beethoven mostrou ao público sua primeira sinfonia, ele tinha atrás de si as mais de 40 obras nesse gênero deixadas pelo amado Mozart e, além delas, as mais de cem partituras congêneres assinadas por seu respeitado professor, Haydn. Certamente, o jovem Ludwig tinha razões para se sentir inibido diante desses dois memoráveis monumentos erigidos à base de inovadoras obras-primas. Entretanto, a força revolucionária do seu temperamento levou-o a se lançar em uma aventura que resultaria única na história da música erudita ocidental: o teor de novidade, a beleza, a grandiosidade, a força expressiva e a comunicabilidade de cada uma das nove obras concebidas por ele nesse domínio apontam para sua gigantesca conquista.

Beethoven presidiu à esmerada elaboração de um ciclo sinfônico incomparável, o qual continua soando único e sempre renovado ainda hoje. Baseado na forte dicotomia entre necessidade expressiva e vontade de exploração formal de espaços inéditos, esse grupo de obras permanece sendo um marco incontornável. Os compositores que vieram depois que essa arquitetura foi concebida e concretizada, apontando para o futuro da própria linguagem musical, jamais deixaram de levá-la em conta em seu trabalho de composição. Depois de Beethoven, outros artistas se encarregaram de ciclos muito impressionantes — como os assinados por Schubert, Bruckner e Mahler, para ficarmos apenas na área austro-germânica. Aquele, contudo, que foi fruto da mente privilegiada do Mestre de Bonn continua a desafiar a passagem do tempo, das modas e das estéticas, demonstrando possuir a durabilidade das obras de arte verdadeiramente clássicas, permanentes.

Beethoven tomou a sinfonia onde a haviam deixado seus dois geniais modelos do Classicismo. Dedicou-se a ela árdua e penosamente entre 1800 e 1824. E, sobretudo com as sinfonias de números ímpares, acabou por traçar uma trajetória que lembra a de uma espiral ascendente, apontando para o devir da própria linguagem da música. Em pauta prospectiva, toda a música ocidental haveria de ser marcada por elas, e para sempre.

Comparando a produção sinfônica de Beethoven às de Haydn e Mozart, tem-se a impressão inicial de haver ele produzido pouco nesse âmbito. Isso é falso, pois ele deu à sinfonia toda uma nova configuração, capaz de revelar os mais profundos sentimentos do autor por meio de estruturas engendradas com uma complexidade até então desconhecida. Nas mãos de Beethoven, a sinfonia ganhou, portanto, uma nova dimensão — tornou-se apta a receber os meios para se referir ao mundo subjetivo do compositor, saturando o discurso sonoro de símbolos de múltipla significação; ao mesmo tempo, a matéria sonora foi aí disposta de maneira originalíssima, ampliando a cada partitura os quadros tímbricos e formais do gênero. As duas obras apresentadas neste concerto

da Filarmônica de Israel podem ser ouvidas como recortes no espaço-tempo preñes de numerosas significações. Além disso, podem proporcionar poderosas cargas de beleza. Ouvi-las com atenção há de ser sempre um privilégio que as almas sensíveis comemoram com prazer.

A Sinfonia Pastoral, a sexta da famosa série, foi composta entre março e agosto de 1808. Artista apaixonado pela natureza, Beethoven quis erigir a ela um hino de louvor, despertando no ouvinte sensações semelhantes às que ele próprio experimentava quando ia ao campo, mesmo aquele situado nos arredores de Viena. Entretanto, deixou claro acerca do caráter da obra: “Mais expressão de impressões do que pintura”. Assim, a nova sinfonia não era música meramente descritiva. Oferecendo ao público certas sinalizações semânticas mais evidentes — a evocação da presença de um córrego, uma assustadora trovoadas —, ele desejou enredar a plateia em uma trama que é, em suma, uma verdadeira aventura para o espírito. Eis um resumo do trajeto dessa aventura: depois de sentir a feliz impressão de chegar ao campo, depois de perceber a fluidez de um regato — à beira do qual ouve-se o canto de pássaros —, de ter participado de uma vívida festa de camponeses e de sentir a força de um chamado “espetáculo da natureza” (a da trovoadas), torna-se possível para o ouvinte compartilhar da sensação de “bem-estar, com sentimentos de reconhecimento à divindade, depois da tempestade”, assunto do último movimento, segundo palavras do próprio autor.

O *Allegro ma non troppo* inicial, em compasso binário, está na tonalidade básica da obra, Fá maior. Concebido em forma-sonata, apresenta dois temas principais que, em vez de contrastantes, são complementares. Isso dá ao movimento uma extraordinária fluência e a aparência de um amplo espaço livre das contingências da própria temporalidade.

O segundo movimento, *Andante molto mosso*, em Si bemol maior e em compasso 12/8, também está em forma-sonata, só que sem a reprise da Exposição. Sobre um “murmúrio” ondulante das cordas, as madeiras entrecem curtos e coloridos motivos. No final, com um toque de humor, Beethoven faz uma verdadeira colagem musical ao transformar a flauta em rouxinol, o oboé em codorniz e o clarinete em cuco, rindo um bocado dessa situação que pode ter lhe parecido demasiado idílica.



Um produto de Companhia de Seguros Aliança do Brasil comercializado pela BB Corretora de Seguros e Administradora de Bens S.A. O registro deste plano na SUSEP não implica, por parte da Aliança, incentivo ou recomendação a sua comercialização.

Se a responsabilidade é grande, a alegria é três vezes maior.

O imprevisto tem dois lados. Fique com o melhor, fique com o Seguro Ouro Vida.

Com o **Seguro Ouro Vida**, você aproveita a vida sem preocupação e ainda conta com 39 serviços de assistência. Faça já o seu em qualquer agência do Banco do Brasil ou pelo bb.com.br.

Banco do Brasil.

Faz diferença ter um banco todo seu.

BANCO DO GABRIEL

Tem-se, então, o terceiro movimento, um *Allegro* em compasso ternário, na tonalidade principal. Trata-se de um *Scherzo* fogoso e animado, que se contrapõe a um *Trio* central em compasso binário e de textura sonora menos densa, ainda que algo camponesa. Os temas e as melodias aí agenciados têm fisionomias marcadamente populares. E quando, sem pausa, uma modulação leva a música para a dramática tonalidade de Fá menor, é bem sinal que já se está no quarto movimento, um episódio (sem forma musical precisa) concebido para evocar os ruídos de uma tempestade repleta de raios e trovões.

Passada a fragorosa “tempestade”, o *Finale* reestabelece a tonalidade fundamental da sinfonia, Fá maior, em dolente compasso de 6/8. Baseado, ao que parece, em uma canção pastoril, esse movimento instala, “depois da experiência do caos criada pela tempestade, a ordem — através de uma espécie de ronda, dança coletiva que reúne todos os participantes, sobre um tema musical que não é feito para ser desenvolvido, mas somente repetido ao infinito”, na feliz equação de Elisabeth Brisson. Assim, enredando-nos nesse encantamento produzido por uma ciranda de épocas imemoráveis, o compositor se despede da natureza e de seus ouvintes. Isso, depois de ter ido das quase inaudíveis e delicadas filigranas sonoras da música “à beira do regato” aos portentosos e quase ensurdecidores ruídos da “tempestade”, sempre em registro de singular criatividade.

A Sétima Sinfonia, que Beethoven chamava de “a Grande”, a fim de não ser confundida com a Oitava — para ele, “a Pequena” —, foi escrita entre o outono de 1811 e a primavera de 1812. Pesquisando temas, ritmos e harmonias, o músico deu-se conta de que seu projeto demandava orquestra especialmente grande para a época, com especial destaque para os instrumentos graves. E, na verdade, a Sétima soa ainda hoje como que amplificada, violenta mesmo quando comparada a outras criações do autor. Ouvida pela primeira vez em dezembro de 1813, no salão da Universidade de Viena, a nova sinfonia fez grande sucesso. Seu movimento lento, o *Allegretto*, precisou ser bisado.

A já citada especialista francesa, Elisabeth Brisson, disse com acerto: “O ritmo, em suas modalidades mais simples, é a pedra angular do conjunto dessa Sinfonia em Lá maior, na qual cada um dos movimentos se assenta sobre uma ou duas células específicas. O pólo de referência não é mais nem um tema melódico nem um timbre, nem um motivo em forma de sinal, mas uma configuração rítmica, a qual dá origem a uma vitalidade e a uma dinâmica transbordantes de energia”. Poderosamente rítmica, admirável entidade trepidante de vida, ela seria chamada de “apoteose da dança” por Richard Wagner.

A Sétima é aberta por uma longa introdução lenta (*Poco sostenuto* em compasso quaternário), na qual o oboé exhibe um tema de sabor interrogativo, logo depois que o tonitruante acorde de abertura é ouvido. Uma transição baseada em um ritmo martelado leva ao *Vivace* em compasso 6/8, na tonalidade principal da obra. Dois temas centrais são empregados nesse discurso à base da forma-sonata, que vive da tensão acumulada pela presença de ritmos percussivos sucedidos por curtas passagens mais melódicas, momentâneas áreas de repouso.

O segundo movimento é o célebre *Allegretto* sobre o qual têm se debruçado amorosamente tanto musicólogos quanto amadores. Em compasso binário e em Lá menor, ele é uma dessas fascinantes criações de Beethoven. Aqui, o músico retira um belo e envolvente arco melódico de algo que, de início, parecia ser apenas a parte de acompanhamento de uma marcha. Indo e voltando, esse motivo dá lugar, às tantas, a uma passagem na qual as cordas enunciam uma inesperada fuga. Seu pulsar rítmico gerador da melodia é dessas “personalidades sonoras” que não abandonam facilmente a memória do ouvinte.

O terceiro movimento, um *Presto* em compasso ternário e em Fá maior, tem o caráter de um *Scherzo* enormemente animado, contando com um *Trio* central menos selvagem e um pouco mais lento, em Ré maior. Ele se encerra quase com rispidez, contrapondo de maneira chocante os motivos ligados aos dois andamentos distintos.

O último movimento, um *Allegro con brio* em compasso binário e em triunfante Lá maior, possui elementos tanto do rondó (refrão e variantes) quanto da forma-sonata (assentando-se no desenvolvimento de alguns materiais de base). Abre-se de modo espantoso, com o ritmo do *Allegretto* em andamento bastante rápido, o que modifica consideravelmente o seu caráter. Esse impulso rítmico é mantido durante todo o movimento, que, de acumulação em acumulação, leva o discurso a um poderoso triplo *forte* dado por toda a massa orquestral, de maneira simultaneamente apoteótica e indomável.

Richard Strauss (1864-1949)

Richard Strauss era filho de um trompista de Munique, não tendo nenhuma relação familiar com os célebres reis da valsa vienense que possuíam o mesmo sobrenome. Mas ele também compôs valsas... Entretanto, seus principais campos de atuação foram os da canção, o da ópera e o do poema sinfônico. O profundo lirismo de seus numerosos e belos *Lieder* sempre apontou para a natureza profundamente romântica da sua personalidade. Já o seu estupendo domínio dos complexos mecanismos da ópera levou-o a criar tanto ousados espetáculos de vanguarda (*Salomé*, *Elektra*) quanto peças ora neo-românticas (*O Cavaleiro da Rosa*), ora neoclássicas (*Capriccio*).

Na esfera do poema sinfônico, Strauss avançou bastante, partindo da invenção que Franz Liszt desenvolvera na década de 1840, concebendo, desde então, uma dúzia de obras puramente orquestrais de formato livre, rapsódico, baseadas em assuntos extra-musicais. Empregando sua poderosa orquestra, que ele utilizava com extraordinária imaginação, Strauss escreveu vários poemas sinfônicos que o colocaram na vanguarda da experimentação musical da época. Dedicou-se a esse formato a partir de 1888, nele exibindo orquestrações rebrilhantes, senso harmônico arejado e inovador e uma verve melódica que sempre foi, em uma palavra, estupenda. Ao dar ao romântico poema sinfônico um novo brilho, uma feição decididamente atualizada, o jovem artista conseguiu impressionar o público e se impor rapidamente no cenário internacional. Ao mesmo tempo, firmou-se como o mais importante músico do mundo austro-germânico surgido na virada do século.

Diferentemente de Liszt, Strauss procurou organizar seus poemas sinfônicos dentro de formas que garantissem maior coesão interna ao estrato puramente musical. Assim, é frequente encontrar neles referências diretas à forma-sonata, ao rondó, ao tema-e-variações e até mesmo à sinfonia em quatro movimentos. A inspiração de ordem extra-musical para seus trabalhos, ele foi buscá-la em fontes bastante diversas: em uma tragédia de Shakespeare (*Macbeth*), em um poema teatral de Lenau (*Don Juan*), na prosa de Cervantes (*Don Quixote*), em uma velha lenda medieval germânica (*Till Eulenspiegel*), na filosofia de Nietzsche (*Assim Falou Zaratustra*) ou na tentativa de “pintar” com sons certas paisagens (*Da Itália*, que ele chamou de “fantasia sinfônica”, e *Sinfonia Alpina*, sua última experiência nesse gênero que o cinema haveria de auxiliar a extinguir).

Na medida em que se tornou um dos compositores mais requisitados de sua época, figura pública que atraía para si a atenção do público aficcionado, Strauss não viu por que não oferecer a quem desejasse ouvi-lo até mesmo acontecimentos da sua vida cotidiana — alguns deles de natureza bastante íntima, diga-se de passagem. Dessa maneira, traços de sua vida particular acabaram por servir de base a três de seus poemas sinfônicos, fato que horrorizou parte do público moralista da época: *Morte e Transfiguração*, *Uma Vida de Herói* e *Sinfonia Domestica*. Mas há que se convir que, mais de um século depois de sua criação, os poemas sinfônicos de Strauss continuam a encantar as plateias do mundo inteiro.

Don Juan, opus 20, foi escrito entre 1888 e 1889. Momentaneamente envolvido em experiências amorosas turbulentas, o compositor se voltou para esse que é, na opinião do regente e musicólogo Norman Del Mar, “o maior assunto erótico de todos os tempos”, no qual o artista teria encontrado “um veículo perfeito para a expressão de seu desejo sexual”. Strauss baseou-se na peça em versos, deixada inacabada pelo romântico Nikolaus Lenau, publicada postumamente em 1851. A partitura do nosso músico trazia três citações dessa obra, nas quais o herói resumia a sua filosofia de vida. Na primeira, ele se referia a sua atração

irresistível pelo feminino e fazia o elogio da experiência momentânea, do “estar-aqui”. Na segunda citação, Don Juan confessava sentir um amor diferente em relação a cada objeto amado, ao mesmo tempo em que via no amor físico uma forma de renascimento. Na última, percebe-se que ele não aceitava ser vítima de qualquer tipo de depressão, afirmando, em meio a um desânimo passageiro, que dentro de horas já estaria de novo de posse de todo o seu vigor.

Esse material, de fundo psicológico, por certo não funcionava exatamente como um “guia para a audição”. Mas, na medida em que atribui sentido simbólico à música apresentada, dá a perceber uma narrativa coerente no fluir sonoro. Primeiramente, tem-se a apresentação do herói, feita por intermédio do pujante motivo inicial, que logo se desdobra em vários motivos a ele aparentados. Segue-se um curto episódio de ordem lírica (um flerte passageiro, talvez?). O material temático relativo a Don Juan volta à cena e, logo depois, tem-se uma tórrida cena amorosa, na qual se destaca um lindo solo de violino (seria “ela”?). Esse episódio é interrompido por nova aparição dos temas do herói. E é então que um solo de oboé, bastante apaixonado, acaba por contagiar os outros instrumentos, a fim de evidenciar a profundidade da nova aventura amorosa do conquistador. Tem-se aí um exemplo espetacular da música nada casta, carregada de sensualidade, que nosso músico era capaz de produzir. Depois desse acontecimento, um triunfante e heróico tema nas trompas — talvez o mais notável de toda a partitura — nos informa ter Don Juan saído vitorioso de mais esse combate amoroso. Novamente, nos damos conta da euforia do herói em uma espécie de cena carnavalesca. Um colapso de toda a orquestra põe fim a essa animação e nos prepara para o desfecho do drama: o movimentado duelo com Don Pedro, o pai ultrajado de uma das conquistas de Don Juan. Na Coda, um pálido acorde em tom menor — em que uma nota dissonante é enunciada discretamente pelo trompete — parece simbolizar o golpe mortal que o aristocrata desferiu contra o herói.

Foi em 1895 que Strauss completou seu novo poema sinfônico, no qual se dispunha a contar, mesmo não fornecendo ao público o esperado guia para a audição, “as alegres travessuras de Till Eulenspiegel” (*Till Eulenspiegels lustige Streiche*, no original). Isso, na forma de um rondó (tema principal, episódios contrastantes, retornos variados do primeiro tema). Tomando como “assunto” essa figura picaresca do folclore medieval germânico — um enorme pregador de peças que roubava dos ricos para dar aos pobres —, o artista concebeu uma peça musical de enorme efeito e grande comunicabilidade, o que em parte explica sua popularidade duradoura e seu posto de obra mais querida do autor. Ainda que Strauss não tenha desejado fornecer ao público um “programa” para *Till Eulenspiegel*, é possível esboçar um plano da sua narrativa. Para quem gosta de encontrar histórias em música, é possível apontar para os dois temas que aparecem no início da partitura — um nas cordas, outro no difícil solo de trompa —, os quais apresentam aspectos da personalidade do pândego herói. Pois ele logo vai ao mercado,

onde brinca com as mulheres e arma enorme confusão (um estouro nos pratos indica que algo de muito sério parece ter ocorrido ali). Fugindo da confusão, o sacripanta se veste de padre (compungida melodia nas violas e fagotes), acabando por pregar um sermão bem moralista. Por fim, encontra, então, uma bela moça (passagem lírica e algo dançante), nutrindo por ela paixão não correspondida. Depois, em nova aventura, Eulenspiegel vê-se diante de pedagogos muito sérios (representados por quatro fagotes e um clarone, que se esforçam em torno de uma fuga), tendo com eles uma conversa pretensamente séria, profunda. Após algumas outras aventuras não muito identificáveis, nosso herói é preso e condenado à pena máxima (saltos de sétima em vários instrumentos de sopro). Sua morte na forca é anunciada pelo rufar tenebroso da percussão e por insinuações de um cortejo fúnebre. Depois de sua execução, porém, a orquestra volta, aos poucos, a mostrar seus bem-humorados motivos, ressuscitando o seu dono; e a obra se encerra como começou, de maneira brilhante e desanuviada.

Ein Heldenleben (Uma vida de herói), opus 40, foi composto em 1897-98, e suas primeiras apresentações causaram alvoroço no público, histeria até. O escritor francês Romain Rolland, que considerava Strauss o máximo do modernismo musical, deixou testemunho da primeira apresentação da obra em Düsseldorf: "Vejo pessoas a estremecer, quase se levantam em certas passagens. No final, que ovação! — as coroas de flores oferecidas, o soar dos trompetes, as mulheres agitando seus lençinhos..." Com uma orquestra ostentando um luxo sonoro até então desconhecido, Strauss concebeu seu novo poema sinfônico em seis partes interligadas. Elas são:

"Der Held" (O herói). Por meio de um tema amplo e poderoso e de ideias a ele subordinadas, o compositor mostra o herói de sua obra (seria ele mesmo?). Ainda que curta, essa primeira parte coloca em evidência a enormidade dada à personagem central dessa narrativa sonora.

"Des Helden Widersacher" (Os inimigos do herói). Harmonias ocas e grotescas, figuras sonoras desajeitadas, feias e dissonantes retratam os inimigos do nosso herói, que acaba por triunfar sobre esses seres mesquinhos.

"Des Helden Gefährtin" (A companheira do herói). Um violino solo encarna a amada de nossa personagem. A julgar pela escrita dada ao solista, a moça é sedutora, divertida, provocante e mesmo possuidora de uma pitada de arrogância. Portanto, é dona de um caráter que o artista admira, aquele que desejava encontrar em uma mulher (seria esse

um retrato da cantora Pauline de Ahna, com a qual Strauss haveria de se casar?). Ao entrelaçar os motivos femininos e os relativos ao herói, o compositor nos faz imaginar uma tórrida cena amorosa. Em *pianissimo*, como que ao longe, as flautas evocam algo dos odiados inimigos.

"Des Helden Walstatt" (O campo de batalha do herói). Nunca se ouvira anteriormente uma batalha musical tão impressionante, tão envolvente quanto esta, detonada por toques marciais de instrumentos de metal e farta percussão. Tem-se aí uma acumulação de ruídos que faz a "tempestade" da Pastoral de Beethoven soar como pouco mais que um chuvisco. Toda essa violência sonora acaba por trazer à tona o tema principal da obra, demarcando a vitória de nossa personagem, que aí é evocado junto a um dos motivos da cena amorosa.

"Des Helden Friedenswerke" (As obras de paz do herói). Em um segmento bastante pacífico, rememoram-se as obras do herói. As várias citações remetem explicitamente a partituras do próprio Strauss, em um gesto no qual não se encontra uma só gota de modéstia. Elas provêm de *Don Juan*, *Assim Falou Zarathustra*, *Morte e Transfiguração*, *Don Quixote* e *Macbeth*, além da canção *Traum durch die Dämmerung* (Sonho ao crepúsculo).

"Des Helden Weltflucht und Vollendung" (Despedida e realização do herói). Em uma visão que tem do futuro, o herói se transforma em amante da natureza. Temas fornecidos pelo corne inglês e pela trompa evocam aqui um sentimento de resignação.

Comentários por J. Jota de Moraes



CULTURA ARTÍSTICA NA INTERNET

Além do website da Sociedade de Cultura Artística, temos uma série de ferramentas que visam não só a dinamizar nossa comunicação com você, mas também a facilitar sua comunicação conosco, mediante canais interativos novos e muito importantes.

Desde 2008, enviamos periodicamente uma **e-newsletter** a todos os assinantes, frequentadores habituais e demais interessados em nossa programação anual, sempre com novidades, promoções especiais e notícias do mundo da música e do teatro.

Mantemos também um **blog** no website da Cultura Artística, onde você encontra vídeos exclusivos de ensaios e concertos, assim como links para artigos e críticas sobre nossos espetáculos. Venha nos visitar e não deixe de dar sua opinião, porque ela é muito importante para nós.

O site de relacionamentos **Orkut** abriga uma comunidade e um perfil dedicados à Cultura Artística, com fotos e vídeos exclusivos, além de um fórum onde você poderá entrar em contato com outros frequentadores dos espetáculos oferecidos pela Sociedade de Cultura Artística.

E, no nosso canal do **YouTube**, você pode assistir a ensaios de nossos artistas, ver imagens do projeto sociocultural *Ouvir para Crescer* e também de nossas próximas atrações.

VENDAS DE INGRESSOS ONLINE

Em 2009 passamos a oferecer a **venda de ingressos online**, o que permite a você adquirir ingressos para nossos concertos a qualquer hora do dia ou da noite, com muita segurança e grande conveniência.

A tudo isso você tem acesso por intermédio dos links em nosso website. Visite-nos, deixe seus comentários e convide os amigos a se cadastrar em nossa *mailing list*.

www.culturaartistica.com.br

www.culturaartistica.com.br

INFORMAÇÃO É DIFERENTE DE CONHECIMENTO.

A informação está em todo lugar. O conhecimento é difícil de achar. A informação passa. O conhecimento fica. *A informação vem até você. O conhecimento leva mais longe.*

SE HOJE EM DIA A INFORMAÇÃO É DE GRAÇA:

QUAL É O VALOR DO CONHECIMENTO?

Amplie | Questione | Atualize | seu conhecimento



O ESTADO DE S. PAULO

PATROCÍNIO

Patrocinar a Temporada Internacional Cultura Artística é associar o nome de sua empresa a uma programação sempre em relevo no calendário artístico anual de São Paulo.

Patrocinar a Temporada Internacional Cultura Artística é estar ao lado de uma entidade de grande importância na história da cultura brasileira — uma organização que há quase cem anos desfruta de ampla visibilidade pública e de grande respeito nos meios de comunicação do país.

Desde 1912, a Sociedade de Cultura Artística tem se destacado pela excelência de sua programação musical e artística, pelo profissionalismo de suas realizações, pelo carinho que lhe dispensa o público e pelo prestígio de que desfruta na imprensa dedicada às artes e à cultura.

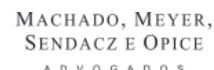
PATROCINADORES PLATINA



PATROCINADORES OURO



PATROCINADORES PRATA



PATROCINADORES BRONZE





MAKSOUND PLAZA

*Hospitalidade,
elegância
e serviço impecável*



*Apartamentos e suítes
Centro gastronômico 24 horas
Banquetes e eventos*



MAKSOUND PLAZA
SÃO PAULO - BRASIL

Informações e reservas
Toll free Brasil - 0800.0.13.44.11
www.maksoud.com.br

Alameda Campinas, 150 • Bela Vista • CEP 01404-900 • São Paulo • SP • Brasil
Tel (55 11) 3145 8000 • Fax (55 11) 3145 8001 • maksoud@maksoud.com.br

Não Perca o Espetáculo

Emoções que o Tempo não Apaga - Uma Crônica Musical

Sempre às Sextas às 21h. No Teatro Maksoud Plaza. Vendas pelo Telefone (11) 3188 4147.

2009 SOCIEDADE DE CULTURA 2010 ARTÍSTICA

Sala São Paulo

ORCHESTRE DES CHAMPS-ÉLYSÉES
PHILIPPE HERREWEGHE REGÊNCIA

27 e 28 de abril

ORCHESTRE DE LA SUISSE ROMANDE
MAREK JANOWSKI REGÊNCIA
JEAN-YVES THIBAUDET PIANO

4 e 5 de maio

CONCERTO KÖLN
VIVICA GENAUX MEZZOSOPRANO

26 e 27 de maio

HILARY HAHN VIOLINO
VALENTINA LISITSA PIANO

16 e 17 de junho

EMERSON STRING QUARTET

3 e 4 de julho

ORQUESTRA FILARMÔNICA DE ISRAEL
ZUBIN MEHTA REGÊNCIA

10 e 11 de agosto

CAMERATA SALZBURG
LEONIDAS KAVAKOS VIOLINO

29 e 30 de agosto

NATHALIE STUTZMANN CONTRALTO
INGER SÖDERGREN PIANO

21 e 22 de setembro

ARCADI VOLODOS PIANO

20 e 21 de outubro

ORQUESTRA DA WIENER AKADEMIE
MARTIN HASELBÖCK REGÊNCIA
CHORUS SINE NOMINE

27 e 28 de outubro

Datas e programação sujeitas a alterações.

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Diretor Presidente

José E. Mindlin

Vice-Presidente

Cláudio Sonder

Diretor Tesoureiro

Antonio Hermann D. M. de Azevedo

Diretor Secretário

Pedro Herz

Diretora Artística

Gioconda Bordon

Diretores

Eduardo Luiz Paulo R. de Almeida

Fernando Carramaschi

Fernando Xavier Ferreira

Gérard Loeb

Jayne Sverner

Ricardo Luiz Becker

Roberto Crissiuma Mesquita

Superintendente

Gérald Perret

Conselho

José E. Mindlin Presidente

João Lara Mesquita Vice-Presidente

Milú Villela

Afonso Celso Pastore

Antonio Ermírio de Moraes

Carlos J. Rauscher

César Tácito Lopes Costa

Fernando Xavier Ferreira

Francisco Mesquita Neto

Henri-Philippe Reichstul

Henrique Meirelles

José Luís de Freitas Valle

José M. Martinez Zaragoza

Mário Arthur Adler

Plínio José Marafon

Salim Taufic Schahin

Thomas Michael Lanz

Conselho Consultivo

Sylvia Kowarick

Alfredo N. Rizkallah

Hermann Wever

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador do Estado de São Paulo

José Serra

Secretário de Estado da Cultura

João Sayad

Secretário-adjunto

Ronaldo Bianchi

Chefe de Gabinete

Sergio Tiezzi

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – OSESP

Regente Principal

Yan Pascal Tortelier

FUNDAÇÃO ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – Organização Social da Cultura

Presidente do Conselho de Administração

Fernando Henrique Cardoso

Vice-Presidente do Conselho de Administração

Pedro Moreira Salles

Diretor Executivo

Marcelo Lopes

Superintendente

Fausto Augusto Maruccci Arruda

Diretor de Marketing

Carlos Harasawa

Supervisora de Publicidade

Marcele Lucon Ghelardi

Supervisora de Eventos

Mauren Stieven

Coordenadora de Comunicação Institucional

Eneida Monaco

Assessoria de Imprensa

Alexandre Félix

Desirée Furoni

Supervisora de Sites

Fabiana Ghantous

Supervisora de Publicações

Fernanda Salvetti Mosaner

Coordenador de Produção

Marcelo dos Santos Silva

Coordenadora de Produção de Eventos

Monica Cassia Ferreira

Produtores

Lucy Carvalho

Mauro Candotti

Assistente de Produção

Viviane Martins Bressan

Auxiliares de Produção

Marildo Lopes de Sousa Jr

Maylime Dias Abreu

Regiane Sampaio Bezerra

Vinicius Goy de Aro

Técnicos de Apoio a Eventos

Arnaldo Epifânio da Silva

Athaíde Fontes

Supervisor de Acústica

Cassio Mendes Antas

Técnico de Acústica

Reinaldo Marques de Oliveira

Coordenador Técnico

Marcello Anjinho

Assistente do Departamento Técnico

Nil Campos

Supervisores de Montagem

João André Blásio

Paulo Broda

Controlador de Acesso – encarregado

Sandro Marcello Sampaio de Miranda

Indicador – encarregado

Samuel Calebe Alves



Investindo na *música* para
harmonizar *relações*.



SUZANO

85 anos de contribuição
para a cultura brasileira.



Alguns pensam
música clássica.

**Nós pensamos
comprometimento.**

Private Banking • Investment Banking • Asset Management

Observamos o mundo por uma perspectiva diferente — sempre em benefício de nossos clientes. Ter nossa experiência e especialização como alicerces para proporcionar excelência é um enfoque que compartilhamos com a Sociedade Cultura Artística. Ao desafiar os raciocínios convencionais, ajudamos nossos clientes a perceber novas oportunidades. Esta é a nossa ambição desde 1856.
www.credit-suisse.com

Pensando Novas Perspectivas.

CREDIT SUISSE 